Biografia Literária: Duas tradições

Antonio Marcos Pereira (UFBA)

Resumo:

O ensaio apresenta alguns resultados de um trabalho de leitura sistemática de biografias literárias e de textos de natureza crítica e teórica voltados para o gênero biográfico que vem sendo realizado desde 2007. Um de seus resultados, aqui apresentado, é o desenvolvimento de uma taxonomia básica que retrata duas possibilidades atuais para o gênero no que diz respeito principalmente aos procedimentos dos biógrafos, e que aqui são denominadas de "tradição monumental" e "tradição processual". O objetivo principal é definir, em linhas gerais, tais tradições, especificando algumas de suas características centrais e avaliando algumas consequências de tais características para a compreensão e a crítica do gênero biográfico.

Palavras-chave: Biografia Literária; Métodos; Categorização.

Abstract:

The essay presents some results of a work started in 2007 of systematic reading and analysis of literary biographies and theoretical and critical texts that address the biographical genre. One of its results, hereby presented, was the development of a basic taxonomy that aims at portraying two contemporary possibilities for the genre, related in particular to the procedures of the biographers, and that I call the "monumental tradition" and the "processual tradition". The present essay aims at defining, in very large strokes, these two traditions, specifying some of their features and evaluating some consequences of these features to the understanding and criticism of the biographical genre.

Keywords: Literary Biography; Methods; Categorization.

A partir de 2007 iniciei um trabalho que busca, como costumo defini-lo cotidianamente, "fazer uma biografia de Juan José Saer". Tal projeto é, por um lado, tributário de um trabalho de interpretação que surge colateralmente, interessado em decifrar uma espécie de jogo com os referentes biográficos realizado por Saer em sua ficção simultaneamente a um trabalho recorrente de crítica ao projeto da biografia literária *tout court* que ele distribui em seus ensaios e investidas como comentador de literatura. Mas também responde a uma curiosidade e uma motivação antiga, que me aproximou de trabalhos como o relato das visitas de Janet Malcolm[1] aos lugares onde Chekhov viveu, aos perfis literários mais extensos que José Castello[2] publicou e, mais recentemente, a trabalhos como o misto de peregrinação literária, autoetnografia e exercício de interpretação de uma tradição de textos e leituras que é *Os Possessos,* de Elif Batuman[3]. A mescla desses interesses – um mais evidentemente acadêmico e exegético; outro, ligado a um desejo, originalmente algo simplório e meio brega, de visitar os lugares onde Saer viveu e sobre os quais escreveu e utilizar isso como matéria-prima para um ensaio – é o que desemboca nas declarações "Estou trabalhando numa biografia de Saer", "Estou fazendo um estudo biográfico de Saer" e afins. Por inúmeras questões de circunstância que não vem ao caso elaborar, o trabalho continua algo improvisado e errático – mas já me identifico com o projeto em medida suficiente para assumir tais declarações como indicadores de compromisso e responsabilidade associados à definição de minha fisionomia profissional como pesquisador da área, sendo também por essa via que as reitero aqui.

Evidentemente, na medida em que comecei a investir com mais sistematicidade no projeto, me inclinei a realizar leituras em torno do tema "fatura de biografia literária" ao mesmo tempo em que intensifiquei a prática que já realizava costumeiramente, de ler biografias de autores. Li materiais que são produzidos como manuais de instrução, livros de "como fazer", como diz o próprio título de um volume produzido por Nigel Hamilton[4], um dos que me foram mais rentáveis – no sentido de compreender a lógica subjacente a uma certa poética da biografia talvez típica do mundo anglófono – no conjunto de materiais dessa natureza que compulsei. Revisei trabalhos de exploração do gênero biográfico, seu desenvolvimento histórico e suas peculiaridades – como o trabalho de Nadel[5] e os conhecidos estudos de Dosse[6] e Arfuch[7]. E tenho lido biografias, principalmente biografias literárias, buscando entender os processos de sua construção e inferir elementos

1. MALCOLM, Janet. *Lendo Tchekov*, 2005.

2. CASTELLO, José. *Inventário das sombras*, 1999.

3. BATUMAN, Elif. *Os Possessos*, 2012.

4. HAMILTON, Nigel. *How to do Biography: A primer*, 2008.

5. NADEL, Ira Bruce. *Biography: Fiction, fact and form*, 1984.

6. DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma vida*, 2009.

7. ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*, 2010.

de sua poética a partir do consumo sistemático de exemplares do gênero, bem como buscando *insights,* ideias interessantes, analogias potenciais para o meu próprio projeto de fazer uma biografia de Saer.

Como consequência desse processo, desenvolvi uma taxonomia que, embora rudimentar, parece bem-sucedida para dar conta de uma retratação de duas possibilidades atuais para esse campo no que diz respeito principalmente à maneira como os procedimentos dos biógrafos, seu "modo de fazer" biografias, incidem no produto por eles apresentado como resultado do trabalho. O objetivo maior desse texto é, portanto, explicitar essa taxonomia e insinuar a defesa de um certo procedimento, que me parece congruente com uma tendência contemporânea que julgo enriquecedora e fértil do ponto de vista do aproveitamento crítico da biografia literária.

II

Uma categoria, um modo de fazer biografia literária, é o que se representa pela tradição que aqui chamarei de "monumental", representada por casos como os de Richard Ellman[8], Leon Edel[9], e Joseph Blotner[10], com suas biografias de Joyce, Henry James, e Faulkner, respectivamente – mas também por inúmeros outros trabalhos. Dizer que essa é a *regra*, o modelo padrão, digamos assim, para a fatura de biografias literárias é afirmação de pouco potencial polêmico; importa mais estabelecer algumas características que permitam um aproveitamento analítico dos textos produzidos nesse grupo.

São, em primeiro lugar, trabalhos que buscam a exaustão, têm nisso um dos seus esteios de valorização, e justamente por isso ganham contornos monumentais: são livros imensos, em vários casos em muitos volumes, e que nesse processo de explorar minuciosamente o desenrolar da vida em conexão com o desenvolvimento da obra são, via de regra, contributos importantes ao processo de canonização dos autores. Além disso, tornam-se objetos de consulta obrigatórios para todos os candidatos ao lugar de exegetas dos autores mencionados, constituem uma pedra fundamental de monumentalização ao se fazerem vias de acesso a um espaço de informações privilegiadas. Os biógrafos em questão, além de ter acesso a um manancial de materiais arquivísticos particulares e muitas vezes dispersos, que eventualmente se efetivam como arquivos (em contraposição a uma massa documental dispersa) justamente pelo exercício do biógrafo, ainda produzem entrevistas e fun-

8. ELLMAN, Richard. *James Joyce*, 1989.

9. EDEL, Leon. *Henry James: A Life*, 1987.

10. BLOTNER, Joseph. *Faulkner: A Biography. One-volume edition*, 1984.

cionam como catalisadores de uma imensa massa textual que circungravita o problema básico de, dada a Obra, produzir um texto sobre a Vida do produtor da Obra que confirme o sentido e a congruência de um laço entre uma e outra coisa. Não à toa, seu artifício organizacional padrão é a cronologia mimética: apresenta-se uma sequência que começa no nascimento, termina na morte, com uma eventual investida para adiante nos dois sentidos em alguns casos – quando o biógrafo se dedica a fazer retratos familiares que precedem o momento do nascimento do Autor, por exemplo, ou quando explora aspectos da recepção e da construção do legado autoral *post-mortem*. Por fim, confirmam e reiteram um pacto fundamental, que congrega autores e recepção, associado a um postulado do sentido da existência narrada: a biografia faz convergir um relato sobre algumas experiências factuais de um sujeito empírico com um destino que se expressa, justifica e particulariza na produção de textos singulares de literatura. Entender a Vida é entender "fontes" da Obra e a narrativa que encerra a descrição da Vida deve contribuir para o envio da Obra para a História. Nessa tradição, a biografia tem um *telos* inequívoco, e utilizarei aqui trechos do final da biografia de Joyce por Ellman que parecem falar precisamente disso:

> A superfície da vida que Joyce viveu parece sempre errática e provisória. Mas seu sentido central dirigia-se tão conscientemente quanto sua obra. A habilidade com que escreveu seus livros foi a mesma com que forçou o mundo a lê-los; a afeição sorridente que estendeu a Bloom e seus outros personagens principais era a mesma que dava aos membros de sua família [...]. Em tudo que ele fizesse, seus dois interesses profundos – sua família e seus escritos – mantiveram seu lugar. Essas paixões nunca cederam. A intensidade da primeira conferiu à sua obra a sua simpatia e humanidade; a intensidade da segunda deu à sua vida dignidade e nobre dedicação.[11]

Examinar a maneira como tal trecho reforça o paralelismo entre as cronologias de vida e obra é menos importante que apontar que o que vemos expresso aí – desde a antinomia vida de superfície/vida profunda até a presentificação dos personagens célebres no mesmo plano de consistência próprio dos demais sujeitos históricos com os quais o autor lidou em seu percurso, passando pelo arremate triunfal que aplaina toda e qualquer tensão ou contradição entre Vida e Obra ou pela pieguice, que se quer triunfalmente verificadora de um fato, de uma declaração tão infeliz a respeito de um ser humano quanto "Essas paixões nunca cederam" – poderia ser encontrado em inúmeros outros casos, precisamente no mesmo momento do texto da biografia, seu arremate. Há, certamente, um ensaio por ser escrito com o tema "Artifícios de abertura e conclusão

11. ELLMAN, op. cit., p. 914.

em narrativas biográficas de figuras literárias do século XX", e talvez valesse até investir em uma abordagem algo morettiana, que pudesse provocar alguma graça maior na constatação de como são formulaicas tais estruturas.

Ora, além desses aspectos citados, o aspecto que talvez tenha mais valor para essa discussão é o que representa – embora não seja, evidentemente, o único – o maior fator de distinção entre o modelo monumental de biografia e o outro, que vou explicitar mais adiante: trata-se da elisão total do trabalho do biógrafo, suas vicissitudes, sua materialidade, seus norteadores para a condução do projeto de edição da massa documental e indiciária frequentada pelo biógrafo. A biografia de Joyce por Ellman, assim como infindáveis exemplares da mesma tradição, é de uma castidade absoluta no que diz respeito à mais tênue exposição processual, e a pergunta a respeito de como esses objetos se fizeram sequer como paratexto tem lugar. De maneira geral, podemos constatar que esse conjunto de artifícios que caracterizam a poética da biografia literária na tradição monumental trabalha a favor da operação que Bourdieu[12] famosamente denominou de ilusionismo biográfico.

12. BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*, 1996.

III

É justamente através desse elemento de contraste que outra categoria emerge, definindo outro modo de conceber o produto final na biografia. Na medida de sua ênfase justamente na exposição de um processo investigativo que é totalmente velado pelos representantes da tradição monumental, tal categoria ganha contornos que fazem com que alguns de seus exemplares ultrapassem significativamente a possibilidade de descrevê-los como meras "exposições metodológicas" adicionadas a biografias forjadas na tradição monumental. Há, aqui, em contraposição à outra tradição, algo da ordem da declaração de procedimentos – mas importa não confinar a categoria a esse aspecto, e sim avaliar algumas implicações dessa característica para o plano geral de caracterização do gênero e suas possibilidades atuais.

O que parece razoável chamar de uma poética do processo, e que me leva a denominar essa tradição de fatura de biografias como *processual,* é a construção de uma suplementaridade na lógica habitual de produção e recepção do gênero biográfico que toma como um item constitutivo da produção da biografia a inscrição explícita do biógrafo e da investigação que conduz à realização e resolução do produto textual final.

Embora não seja meu interesse manipular a coisa de maneira maniqueísta-épica, salvaguardando para essa opção, que conta com minha simpatia epistemológica, um valor maior a partir de um *quantum* de facticidade supostamente mais intensificado aqui, é impossível evadir a constatação de que a introdução do biógrafo no esquema bagunça positivamente o que dá forma à organização da biografia no modelo monumental, pavimentando o caminho para produções arrojadas e, de meu ponto de vista, mais interessantes.

Ao passo que a tradição monumental se escora facilmente em episódios de considerável espessura para consolidar a história do gênero (é comum a referência a Xenofonte, por exemplo, como uma figura fundadora de procedimentos ainda adotados), aqui o que se pode esboçar como genealogia há de recorrer à matéria mais recente, sendo representada por uma sequência menos explícita, mas que encontra em *The quest for Corvo,* de A. J. A. Symons[13], talvez um de seus marcos iniciais. Ao contrário do que caracteriza sobremaneira as produções da tradição monumental, de imediato a diferença no volume e na massa textual produzida é perceptível: trata-se de um livro *breve* e, além disso, cuja justificativa é um autor que está longe de habitar o cânone literário corrente. Assim é para a maioria de nós e assim era para o biógrafo, que cuida de expor seu contato inicial com a obra do Barão Corvo e, a partir daí, em um movimento que muito provavelmente teve lugar de maneira muito semelhante para os autores das biografias monumentais que citei, mas que nelas é completamente invisibilizado, começa a empreender esforços para conhecer mais a obra que, em sua particularidade e estranheza, lhe interessou e fascinou e, a partir daí, amealhar informações sobre seu autor. O que lemos descreve isso: como o biógrafo persegue o autor, o que descobre, como descobre, e o que faz com o que descobre como instrumento de leitura da obra. Esse modelo encontra em trabalhos como *You are not I,* de Millicent Dillon[14], *Paul Bowles, Magic & Morocco*, de Allen Hibbard[15] e *Like a fiery elephant: The story of B. S. Johnson,* de Jonathan Coe[16] suas vias de exploração e atualização. Em tais trabalhos, o interesse manifesto é o da captura da personagem literária pela ênfase no aspecto eloquente e no recorte explicitado – abdicando, portanto, do pressuposto de exaustão e sistematicidade genérica pressuposto pela outra estratégia. A primeira pessoa do biógrafo é patente e saliente, e as zonas lacunares, os espaços de não-saber, têm oportunidade de tematização e exploração, assim como os impasses, equívocos de juízo, e processos decisórios da natureza mais diversa.

A partir da adoção de tal procedimento de inscrição do biógrafo no devir da biografia, algumas consequências se instalam, e têm interesse por constituir uma espécie de crítica

13. SYMONS, A. J. A. *The Quest for Corvo*, 1955.

14. DILLON, Millicent. *You are not I: A portrait of Paul Bowles*, 1998.

15. HIBBARD, Allen. *Paul Bowles, Magic & Morocco*, 2004.

16. COE, Jonathan. *Like a fiery elephant: The story of B. S. Johnson*, 2004.

aos pressupostos fundamentais da biografia produzida a partir do modelo monumental, num direcionamento crítico que ao invés de aludir a si mesmo como portador de interesse crítico é produzido a partir de pressupostos que uma vez colocados em operação resultam em trabalhos que executam a crítica. Uma decorrência é a transformação da estrutura cronológica da narrativa, que agora passa a acolher possibilidades alternativas de cronologia na narrativa biográfica, dispensando o modelo habitual que faz aderir o progresso do texto da biografia ao incremento etário do biografado. Outra é a tendência, neste modelo, a trabalhar a biografia a partir de uma ênfase aspectual que já representa uma recusa ao ideal de exaustão característico da tradição monumental: encontramos as mais diversas formulações da história do encontro entre biógrafo e biografado e, do ponto de vista da adoção de uma forma para o texto, as estratégias igualmente se diversificam. Por fim, ao se exibir ao escrutínio do leitor, o proceder do biógrafo convoca uma espécie de dobra: enfatizando as operações do biógrafo, cujo trabalho é exposto e explorado em seus desdobramentos, titubeios, hesitações e problemas diante da massa documental/indiciária, esse exercício reflexivo salienta, ao invés de escamotear, o trabalho situado de investigação na fatura de uma biografia.

Para efeito de comparação e produção de evidência, observe o que acontece na biografia de B. S. Johnson produzida por Coe. O livro está estruturado em três partes, "Uma vida em sete romances", "Uma vida em 160 fragmentos" e "Uma vida em 44 vozes", às quais se segue uma "Coda": as opções estruturais exibem algo da ordem da biografia tradicional na primeira parte, e na segunda adotam o procedimento de construção de um mosaico para se concluir, na terceira parte, com a construção de um exercício polifônico, uma vez que o texto consiste apenas na edição, sem comentários ou interpolações, de trechos das entrevistas realizadas por Coe com 44 indivíduos associados a Johnson. Mas é na "Coda" que os procedimentos detetivescos e o regime indiciário/inferencial se faz perceber de maneira mais patente, uma vez que esse suposto suplemento consiste numa revisitação de Coe a um problema, um enigma, que perdurava ao fim e ao cabo do trabalho. Investir ou não investir na tentativa de resolver o enigma? Haveria material que permitisse o avanço em algum tipo de resposta – algum documento ou depoimento ainda por ser conhecido, avaliado, analisado? Ao se resolver nesse tom, a biografia nos endereça para um parágrafo final como este:

> E essas são as últimas palavras que eu intento escrever sobre B. S. Johnson. As escrevo, apropriadamente, tarde da noite na mesa da cozinha da casa de meus pais, na

> mesma mesa onde me recordo ter escrito o parágrafo final de meu primeiro romance, na mesma casa onde, muito antes disso, há vinte e nove anos, assisti, junto com minha família perplexa [ao documentário realizado por Johnson] *Fat man on the beach,* e a imagem daquele homem estranho e magnético se gravou em minha mente de treze anos de idade, muito embora eu não tivesse a menor ideia de onde aquilo iria me levar.[17]

Observe-se o pronunciado contraste com a resolução da biografia de Joyce por Ellman: a total ausência de grandes enunciados, o depósito resumido do laço entre biógrafo e biografado (o livro se abre com Coe narrando essa cena juvenil, dele assistindo com a família, num domingo à noite, na TV, a um documentário produzido e protagonizado por Johnson – e tendo a partir daí uma espécie de duradoura experiência de *ostranenie* com relação à figura rotunda recitando poesia na praia), a exibição de uma certa ordem de materialidade na fatura do livro, a despedida do projeto de escrever sobre o Autor evocando a impossibilidade de conhecer os imponderáveis de cadeias causais tão complexas, e marcadas por devires tão imponderáveis, como as que resultaram na fatura do livro que acabamos de ler, explicitamente situado como uma biografia de Johnson produzida por Coe.

IV

Utilizei o termo "situado" para descrever o procedimento do biógrafo na tradição processual e, num movimento voltado para a conclusão deste texto, busco anotar o que me parecem alguns lucros oriundos dessa possibilidade. Em primeiro lugar, o deslocamento de procedimentos entre uma e outra tradição parece dar lugar a algo que se pode descrever como um desvio na poética tradicional da biografia em sintonia com algumas formulações recentes de Reinaldo Laddaga. Explorando alternativas para a produção crítica contemporânea, Laddaga afirma que "quando as crenças que sustentam a atividade em uma zona de produção cultural perdem sua capacidade de suscitar convicção, quando sua relação com a rede móvel de outras práticas se torna opaca e incerta, quando seu objeto se torna mais opaco que de costume, dimensões que estavam ocultas passam à luz e se oferecem para ser tematizadas"[18]. Efetivamente, seria bastante temerário afirmar que a estrutura de crenças que fundamenta a tradição monumental perdeu sua capacidade de suscitar convicção: se há um gênero pujante é a biografia, a respeito do qual ninguém anda sugerindo fim de partida e derrocada do gênero.

17. COE, Jonathan, op. cit., p. 454 (tradução minha).

18. LADDAGA, Reinaldo. *Estética de Laboratorio. Estrategias de las artes del presente*, 2010, p. 46 (tradução minha).

Entretanto, se assim é para um público consumidor amorfo e supostamente genérico, tal não pode ser para um público consumidor voltado para um conjunto de usos, e um acolhimento da inquirição, que torna demasiado pronunciada a total opacidade dos procedimentos dos biógrafos na tradição monumental, sua invisibilização como construtores e gestores de arquivos e gerenciadores de processos decisórios extremamente filigranados que, embora de praxe passem como mercando com a ordem do fato, são também, em alguma medida, necessariamente exercícios hermenêuticos. O ganho que vislumbro aí é associado ao que aparece em outra formulação do próprio Laddaga, quando ele diz que "há livros porque estes livros foram escritos por indivíduos cujos esforços constantes se dirigem a constituir as formas de organização do tempo e do espaço, os sustentáculos econômicos e emocionais necessários para que se possam executar, de maneira cotidiana, as operações, usualmente complexas, que resultam em seus textos"[19]. Há de ser surpreendente constatar que, no século XXI, contando com décadas de disseminação dos estudos culturais, os estudos literários ainda devam celebrar a potência crítica desses modestos reclames por uma atenção aos seus objetos orientada por alguma materialidade que tenha espaço de manobra tanto para inscrição numa dinâmica histórica como um labor particular que se produz num laço de circunstância e empenho no qual a dimensão econômica não sacrifica no altar do método seus imponderáveis volitivos (ou sua ordem de desejo, aqui traduzida na alusão a uma disponibilidade emocional paralela ao imperativo de sustentação econômica).

Ora, se isso vale para a fatura de ficção e se aparece como um veio de exploração que ainda tem algum valor como sugestão crítica, *vale do mesmo jeito para a biografia literária*. Nesse sentido, no que diz respeito às consequências de tais posicionamentos para as questões imediatas de crítica de biografias, o projeto descritivo e analítico que se esboça aqui convidaria à exploração de aspectos do processo de produção do texto biográfico tais como os aludidos por Laddaga. Um resultado seria uma espécie de metabiografia, ou de produção de biografias das biografias, na linha do trabalho recente de Anesko[20] a respeito do legado bibliográfico e biográfico de Henry James – e que centraliza sua atenção justamente nos aspectos elididos por Edel em sua biografia e seus projetos editoriais em torno da obra de James, tornando dessa vez o biógrafo explícito coadjuvante do processo de construção do Autor realizado também pela biografia e operando a favor de uma espécie de "retorno do reprimido" da tradição monumental. A constatação incontornável desses anos envolvido com a produção de uma biografia de Saer está associada ao que creio ser o núcleo agonístico da produção de biografias: assumindo uma posição

19. LADDAGA, op. cit., p. 47 (tradução minha).

20. ANESKO, Michael. *Monopolizing the Master: Henry James and the Politics of Modern Literary Scholarship*, 2012.

desagradavelmente normativa, proponho que o trabalho contemporâneo de comentário crítico e teorização da biografia deve em alguma medida problematizar o grande "dado" de consolidação da tradição monumental, que é a invisibilidade do biógrafo[21]. Sempre pressuposta e utilizada como marcador de excelência, a invisibilidade e o caráter "mediúnico", ou de puro condutor de uma facticidade pré-existente e apenas recenseada pelo biógrafo, é o foco no qual o esforço crítico deve se concentrar, e representa o núcleo gravitacional em torno do qual as duas tradições aqui esboçadas se organizam – uma, tomando-a como estruturante; outra, sendo produzida por sua negação.

21. Numa espécie de criptomnésia, saí utilizando essa noção até que me dei conta de que ela é certamente tributária do processo diagnosticado por Lawrence Venuti, em sua conhecida discussão do tema no que diz respeito à tradução e ao tradutor, em seu *The translator's invisibility*, de 2008. Mas explorar esse paralelismo a contento agora implicaria em produzir, na saída, uma renovação da discussão que já se conclui, e que ambicionava dar conta de expor a categorização, discutindo algumas de suas implicações: em outra ocasião talvez seja possível dar conta dessa conexão com o devido detalhamento, identificando os paralelos e as eventuais distinções que vale fazer entre a invisibilidade do tradutor e a do biógrafo.

Referências

ANESKO, Michael. *Monopolizing the Master: Henry James and the Politics of Modern Literary Scholarship*. Stanford: Stanford University Press, 2012.

ARFUCH, Leonor. *O Espaço Biográfico. Dilemas da subjetividade contemporânea.* Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

BATUMAN, Elif. *Os Possessos: Aventuras com os livros russos e seus leitores.* São Paulo: Leya, 2012.

BLOTNER, Joseph. *Faulkner: A Biography. One-volume edition.* New York: Random House, 1984.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.) *Usos e abusos da história oral.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

CASTELLO, José. *Inventário das Sombras.* Rio de Janeiro: Record, 1999.

COE, Jonathan. *Like a fiery elephant. The story of B. S. Johnson.* London: Continuum, 2006.

DILLON, Millicent. *You are not I: A portrait of Paul Bowles.* Berkeley: University of California Press, 1998.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma vida.* São Paulo: EDUSP, 2009.

EDEL, Leon. *Henry James: A life.* London: Harper Collins, 1987.

ELLMAN, Richard. *James Joyce.* Trad. Lya Luft. São Paulo: Editora Globo, 1989.

HAMILTON, Nigel. *How to do Biography: A Primer.* Cambridge: Harvard University Press, 2008.

HIBBARD, Allen. *Paul Bowles, magic, and Morocco.* San Francisco: Cadmus, 2004.

LADDAGA, Reinaldo. *Estética de Laboratório. Estrategias de las artes del presente.* Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2010.

MALCOLM, Janet. *Lendo Tchekov. Uma viagem à vida do escritor.* Trad. Tatiana Belinky. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

NADEL, Ira Bruce. *Biography: Fiction, Fact, and Form.* New York: St Martin's Press, 1984.

SYMONS, A. J. A. *The quest for Corvo.* East Lansing: Michigan State University Press, 1955.

VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility: A history of translation. Second Edition.* London: Routledge, 2008.